

## Do biopoder à psicopolítica: na era da tecnologia, a restrição dá lugar à modulação

From biopower to psychopolitics: in the age of technology, restriction gives way to modulation

Giulia Dal Berto Hoff<sup>1</sup>  
Marcelo Markus Teixeira<sup>2</sup>

Recebido em: 10.03.2025  
Aprovado em: 18.02.2026

### RESUMO

O presente trabalho analisa a reconfiguração das formas de exercício do poder no contexto do neoliberalismo contemporâneo, partindo da transição do biopoder, característico das sociedades disciplinares do liberalismo do século XX, para o psicopoder, tal como formulado na literatura crítica recente. Enquanto o biopoder operava fundamentalmente sobre os corpos e sobre a vida biológica, por meio de mecanismos disciplinares e de vigilância, o psicopoder passa a atuar de modo mais sutil e difuso, incidindo diretamente sobre a subjetividade, os desejos e os processos inconscientes dos indivíduos. Essa nova racionalidade do poder encontra nas tecnologias digitais, nos algoritmos e no uso massivo de dados pessoais seus principais instrumentos de funcionamento. Diferentemente do modelo panóptico clássico, o controle não se exerce mais pelo confinamento ou pela repressão direta, mas pela exposição voluntária, pela hiperconectividade e pela modulação contínua dos comportamentos, orientada por lógicas de consumo, desempenho e auto-otimização. Nesse contexto, discursos de liberdade, autonomia e realização pessoal ocultam formas sofisticadas de controle psicológico e de autoexploração, contribuindo para a individualização dos sujeitos e para a fragilização da esfera pública e do debate racional. O objetivo do estudo é compreender, em nível teórico, de que modo o uso de tecnologias algorítmicas e de dados pessoais pode ser interpretado como elemento central do psicopoder no neoliberalismo do século XXI, problematizando leituras tecnoutópicas e destacando suas implicações políticas, sociais e subjetivas. Metodologicamente, adota-se o método dedutivo, com abordagem qualitativa de natureza teórico-analítica, por meio de pesquisa bibliográfica e documental.

Palavras-chave: Biopoder; Psicopolítica; Tecnologia; Poder.

<sup>1</sup> Mestra em Direito pela Unochapecó. Bacharela em Direito pela Unochapecó (2022). E-mail [giuliahoff09@gmail.com](mailto:giuliahoff09@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Direito Internacional Privado pela Universität zu Köln - Alemanha (2011), Mestre em Direito Internacional Privado pela Universität zu Köln - Alemanha (2008). Mestre em Direito e Política da União Europeia pela Università degli Studi di Padova - Itália (2004). E-mail: [marcelomarkus@unochapeco.edu.br](mailto:marcelomarkus@unochapeco.edu.br)

**ABSTRACT**

This paper analyzes the reconfiguration of forms of power in the context of contemporary neoliberalism, starting from the transition from biopower, characteristic of the disciplinary societies of 20th-century liberalism, to psychopower, as formulated in recent critical literature. While biopower operated fundamentally on bodies and biological life, through disciplinary and surveillance mechanisms, psychopower acts in a more subtle and diffuse way, directly affecting the subjectivity, desires, and unconscious processes of individuals. This new rationality of power finds its main instruments of operation in digital technologies, algorithms, and the massive use of personal data. Unlike the classic panoptic model, control is no longer exercised through confinement or direct repression, but through voluntary exposure, hyperconnectivity, and the continuous modulation of behaviors, guided by the logic of consumption, performance, and self-optimization. In this context, discourses of freedom, autonomy, and personal fulfillment conceal sophisticated forms of psychological control and self-exploitation, contributing to the individualization of subjects and the weakening of the public sphere and rational debate. The objective of the study is to understand, at a theoretical level, how the use of algorithmic technologies and personal data can be interpreted as a central element of psychopower in 21st-century neoliberalism, problematizing techno-utopian readings and highlighting their political, social, and subjective implications. Methodologically, the deductive method is adopted, with a qualitative approach of a theoretical-analytical nature, through bibliographic and documentary research.

Keywords: Biopower; Psychopolitics; Technology; Power.

**1 INTRODUÇÃO**

As preocupações com os efeitos do avanço tecnológico não surgiram há pouco. Elas já estavam presentes na literatura contemporânea, nas obras de ficção científica e mais atualmente nas séries, documentários e filmes nas plataformas de *streaming*. Das famosas distopias científicas como “Admirável Mundo Novo”, de Aldous Huxley, publicada em 1932, e “1984”, de George Orwell, publicada em 1949, até o filme *Matrix*, das irmãs Wachowski, de 1999 e, mais atualmente, a série *Black Mirror*, criada por Charlie Brooker, preocupações com práticas de vigilância e monitoramento a partir da utilização desenfreada das tecnologias de informação e comunicação com o intuito de direcionamento social e político, vêm como alertas quantos aos perigos do futuro (e presente) tecnológico.

Muitas vezes distópico ou fantasioso demais para o estágio de desenvolvimento tecnológico que a humanidade presencia e protagoniza neste momento, mas, sem dúvidas, não totalmente fora da realidade. As preocupações mostram-se cada vez mais reais, principalmente na última década.

O controle da população no liberalismo do século XX era baseado no que Foucault denominou como biopolítica, em sua palestra em 1974 no Rio de Janeiro. Um controle sob os corpos e sob a própria vida, feitos no âmago de uma sociedade disciplinar que emergiu na passagem da produção agrária à industrial. Agora, o biopoder dá lugar à psicopolítica ou psicopoder, uma forma de controle capaz de influenciar até mesmo a psique e os mais profundos recantos da mente humana, conceito muito bem tratado por Byung-Chul Han (Han, 2018b). Tudo isso por meio da tecnologia, das redes sociais, mas principalmente, do *big data* e dos algoritmos.

Da alta capacidade de armazenamento de dados das grandes empresas, impulsionada pela velocidade e extensão da internet. Esse combo possibilita que o neoliberalismo transforme as pessoas em consumidores, trace psicogramas coletivos e individuais, manipule o que se pensa e o que se é, diagnostique ou até mesmo prognostique os acontecimentos. Tudo isso utilizando da liberdade, da comunicação ilimitada e da exposição voluntária.

Diante desse cenário, coloca-se como problema de pesquisa compreender de que modo a reconfiguração das formas de exercício do poder, no contexto do neoliberalismo contemporâneo, pode ser interpretada como uma transição do biopoder para o psicopoder, especialmente a partir do papel desempenhado pelas tecnologias digitais, pelos algoritmos e pelo uso massivo de dados pessoais. Embora conceitos como biopolítica e psicopolítica estejam amplamente presentes na literatura crítica, observa-se a necessidade de aprofundar, em nível teórico, a análise das continuidades e rupturas entre essas formas de poder, bem como de esclarecer como o controle social, antes centrado nos corpos e na vida biológica, passa a operar sobre a subjetividade, os desejos e os processos inconscientes dos indivíduos.

Assim, o problema que orienta este estudo consiste em investigar em que medida e sob quais fundamentos teóricos o uso de dados pessoais e de tecnologias algorítmicas

pode ser compreendido como um instrumento central do psicopoder no neoliberalismo do século XXI.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar, em nível teórico, como se deu esta transição da natureza do poder, do biopoder para o psicopoder, por meio da possibilidade da utilização dos dados pessoais como recurso de controle em massa e entender como as pessoas são influenciadas até em seu inconsciente pelos algoritmos e pela tecnologia que integra o mundo ciberfísico.

Para tanto, estrutura-se o estudo em três seções, além desta introdução e da conclusão. A primeira seção busca traçar os pontos históricos do liberalismo do século XX e de que forma o poder se emoldurava de biopoder para agir em sociedade e controlar as pessoas. A segunda seção aborda a transição do biopoder para o psicopoder como faceta do neoliberalismo do século XXI e como consequência do avanço tecnológico sem precedentes. Por fim, a terceira seção analisa como o psicopoder atua na sociedade por intermédio das tecnologias e dos algoritmos, influenciando inconscientemente as pessoas, suas vontades e até a percepção que possuem de si mesmo e do mundo ao seu redor, tudo isso, impulsionado por uma lógica de consumo e controle, poderio político, mas principalmente econômico.

Relativamente aos aspectos metodológicos, o presente trabalho adota o método de procedimento dedutivo, aliado a uma abordagem qualitativa de natureza teórico-analítica. A pesquisa desenvolve-se por meio de técnicas de investigação bibliográfica e documental, com consulta a artigos científicos, livros e textos normativos, em língua portuguesa e inglesa, selecionados em função de sua relevância para a compreensão das transformações contemporâneas nas formas de exercício do poder. As traduções apresentadas ao longo do texto são de responsabilidade dos autores.

Ressalta-se, por fim, que o estudo não se fundamenta em dados empíricos, uma vez que os elementos analisados consistem exclusivamente em textos teóricos e produções acadêmicas previamente publicadas, compreendidos como material analítico destinado à interpretação conceitual e crítica do objeto investigado.

## 2 O LIBERALISMO, A SOCIEDADE DISCIPLINAR E O BIPODER DE FOUCAULT

A necessidade de controle da vida e do corpo surge do progresso científico e desenvolvimento humano. Michel Foucault, filósofo francês, ensina que até o século XVIII existia o macropoder representado pelo soberano e a partir do século XVIII, época marcada pela Revolução Francesa e ideais iluministas contrários ao absolutismo, surgiram os micropoderes, cuja prática é menos visível e mais fragmentada e em decorrência disso, mostra-se mais eficaz. O poder já não se manifestava como poder de morte nas mãos de um soberano, poder advindo da espada, mas sim como poder disciplinar. O poder soberano abraça “o privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la”, enquanto o poder disciplinar é um poder de vida, cuja função não é matar, mas afirmar essa vida em sua completude, controlando-a, administrando-a e realizando sua gestão calculista (Foucault, 2012).

A alteração das formas de produção que ocorrem com a transição da produção agrária à industrial, torna necessário disciplinar o corpo das pessoas e adaptá-las à produção mecânica, numa relação de “docilidade-utilidade” (Foucault, 1987). Em vez de torturar o corpo, o poder disciplinar o insere em um sistema de normas. Esse sistema de normas conduz a uma coerção minuciosamente calculada que perpassa todas as partes do corpo, automatizando seus hábitos e transformando o corpo em máquina de produção (Foucault, 1987). A reprodução, as taxas de natalidade e mortalidade, a qualidade da saúde e a estimativa de vida se tornam objeto de controles regulatórios, mas há um âmbito que não é foco do poder disciplinar: a psique, não é o seu foco, não tem acesso a pensamentos e necessidades do âmbito do ser.

Tudo isso começou a ser descoberto no século XVIII. Percebe-se, conseqüentemente, que a relação do poder com o sujeito, ou melhor com o indivíduo, não deve ser simplesmente essa forma de sujeição que permite ao poder tomar dos sujeitos bens, riquezas e, eventualmente, seu corpo e seu sangue, mas que o poder deve exercer-se sobre os indivíduos, uma vez que eles constituem uma espécie de entidade biológica que deve ser levada em consideração, se queremos, precisamente, utilizar essa população como máquina para produzir, para produzir riquezas, bens, para produzir outros

indivíduos. O descobrimento da população é, ao mesmo tempo que o descobrimento do indivíduo e do corpo adestrável, o outro núcleo tecnológico em torno do qual os procedimentos políticos do ocidente se transformaram (Castro, 2009).

O termo biopolítica apareceu pela primeira vez em 1974 em palestra de Foucault no Rio de Janeiro, como foi citado na introdução deste trabalho. Biopoder, biopolítica: “O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica” (Foucault, 1979). Um dos métodos mais eficientes encontrado para que o capitalismo se desenvolvesse e o processo de mecanização do mundo não se limitasse aos meios de produção, às fábricas e ferramentas, mas influenciasse também os corpos que as manuseavam e as sustentavam, ainda sim necessários para a sua consolidação, mas também e acima de tudo, humanos e naturais. Nas palavras do autor, ao liberalismo “[...] foram-lhe necessários métodos de poder capazes de majorar as forças, as aptidões, a vida em geral, sem por isto torná-las mais difíceis de sujeitar [...]” (Foucault, 2012).

Tudo isso começou a ser descoberto no século XVIII. Percebe-se, conseqüentemente, que a relação do poder com o sujeito, ou melhor com o indivíduo, não deve ser simplesmente essa forma de sujeição que permite ao poder tomar dos sujeitos bens, riquezas e, eventualmente, seu corpo e seu sangue, mas que o poder deve exercer-se sobre os indivíduos, uma vez que eles constituem uma espécie de entidade biológica que deve ser levada em consideração, se queremos, precisamente, utilizar essa população como máquina para produzir, para produzir riquezas, bens, para produzir outros indivíduos. O descobrimento da população é, ao mesmo tempo que o descobrimento do indivíduo e do corpo adestrável, o outro núcleo tecnológico em torno do qual os procedimentos políticos do ocidente se transformaram (Foucault, 2006).

Na visão de Foucault, o “corpo como máquina” visa o adestramento desses corpos, desapossando suas forças para ampliá-las. O corpo torna-se tão mais útil quanto mais dócil, sendo possível submetê-los às funcionalidades das quais depende a engrenagem social. Aqui, reencontrando a disciplina (relação esta que será tratada mais

especificamente no tópico seguinte), criam uma “anátomo-política do corpo humano” (Foucault, 1999).

Nas palavras do filósofo, “o homem, durante milênios permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal, em cuja política, sua vida de ser vivo está em questão” (Foucault, 1999). A população aqui é tanto alvo como instrumento em uma relação de poder. Foucault faz cair por terra a ideia antes preponderante de que o poder age por meio da supressão e da repressão, coibindo e impedindo a manifestação de condutas indesejáveis. O biopoder atua ao contrário: instigando e produzindo comportamentos. Não reprime seus sujeitos; ele leva a emitir certos padrões de resposta os quais possuem pareceres e alvarás subjetivos fundados na primazia da verdade, mas dentro dos limites impostos pelo direito.

O biopoder, como o próprio nome já incita (*bio*, vida), atua diretamente no corpo do ser humano, no corpo de cada cidadão que compõe a sociedade, em suas características mais essenciais, sejam elas externas (físicas) ou internas (psicológicas, subjetivas), perpassando por questões como a sexualidade, a reprodutividade, a natalidade, as patologias existentes, entre outros pontos. O corpo já não é visto mais como um templo sagrado particular, mas sim como um mecanismo de controle da massa populacional. Controle este que se mostra eficaz, diante da construção de discursos de verdade e valor pelos grupos mais influentes, seja essa influência advinda de conhecimentos técnicos, científicos, normativos ou noções puramente ideológicas.

Em Foucault, a biopolítica caminha perpendicularmente com a disciplina, outro mecanismo de funcionamento do poder. Enquanto a preocupação da biopolítica é voltada para a massa populacional, a disciplina versa sobre o corpo individual. Perpendicularmente, pois se entrecruzam no método essencial de controle que cada um possui: os dispositivos e instituições de segurança, controle e coercitividade provenientes do Estado agem no âmago da população, direcionando a massa, enquanto a biopolítica regulamenta seus processos biológicos como já bem explanado. A disciplina dá à biopolítica a mola que impulsiona as suas vontades e conseqüentemente os indivíduos regidos por ela. Hospitais, escolas, quartéis e polícias, dentro dos quais a disciplina é imposta por meio das particularidades, abrangência e competência de cada instituição. A

biopolítica se dá no macro agindo no micro pela disciplina. Uma individualizante e a outra massificante sem, entretanto, se excluírem (Foucault, 1987).

Através de um rápido apanhado histórico, vemos um exemplo notório e barulhento desse tipo de poder ascendente: o nazismo. Seleção, exclusão e regulamentação da reprodutividade, atuando com fundamento nas “misturas raciais” relacionadas à geopolítica. Nas palavras do autor, ao capitalismo “(...) foram-lhe necessários métodos de poder capazes de majorar as forças, as aptidões, a vida em geral, sem por isto torná-las mais difíceis de sujeitar (...)” (Foucault, 2012). Estamos, então, diante do método mais eficiente encontrado para que o capitalismo se desenvolvesse e o processo de mecanização do mundo não se limitasse aos meios de produção, às fábricas e ferramentas, mas influenciasse também os corpos que as manuseavam e as sustentavam, ainda sim necessários para a sua consolidação, mas também e acima de tudo, humanos e naturais.

O poder disciplinar consolida o biopoder através de instituições que compõem o que Foucault e Bentham chamam de dispositivo panóptico, atuante através da vigilância e invisibilidade, sendo visualmente, em analogia, uma construção fechada em formato de anel, dividida em celas e contendo uma torre central. Da torre é possível enxergar as celas, mas das celas não é possível enxergar quem está na torre e nem tampouco nas outras celas. "O panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha eficácia e capacidade de penetração no comportamento dos homens (...)" (Foucault, 1987). Assim, no interior desse dispositivo é possível observar tudo, de maneira organizada constante, especialmente individualizada e imperceptível, oferecendo aos sujeitos aprisionados a sensação contínua de vigilância, fazendo com que estes exerçam sobre si mesmos e sobre os outros, a tal da disciplina, e conseqüentemente, a normalização dela. Desta forma, tem por substituído e intrinsecamente aceito as torturas e castigos de outros tempos.

A sociedade disciplinar é constituída por ambientes e instalações de confinamento. Família, escola, prisão, quartel, hospital e fábrica representam esses espaços disciplinares de reclusão. O sujeito disciplinar passa de um meio de confinamento a outro. Ele se movimenta, portanto, em um sistema fechado (Han, 2018b, p. 29).

O mais intrigante do sistema panóptico é que, inserido nessa quadratura, ele faz com que se perca a necessidade de ação contínua e constante para que os indivíduos sigam determinada ordem ou princípio, pois a mera sensação de estar sendo observado, faz com que se aja da maneira que o poder espera que ele aja, impulsionado pelo receio de que poderá sofrer uma intervenção a qualquer momento. Sendo assim, “pouco importa, conseqüentemente, quem exerce o poder. Um indivíduo qualquer, quase tomado ao acaso, pode fazer funcionar a máquina: na falta do director, sua família, os que o cercam, seus amigos, suas visitas, até seus criados (...) Quanto mais numerosos esses observadores anônimos e passageiros, tanto mais aumentam para o prisioneiro o risco de ser surpreendido e a consciência inquieta de ser observado” (Foucault, 1987).

No entanto, com o neoliberalismo e o avanço acelerado das tecnologias e meios de comunicação, diagnostica-se uma crise geral desses ambientes de reclusão. Em seu *Post-scriptum sobre as sociedades de controle* (1992), Gilles Deleuze fundamenta que o fechamento e rigidez desses ambientes não são apropriados para formas de produção pós-industriais, pois são imateriais e funcionam em grande parte em rede. Funcionando em rede, por óbvio, insistem e buscam cada vez mais abertura e dissolução de possíveis fronteiras (Deleuze, 1992) e é isso que será demonstrado no capítulo que se segue.

### **3 A TECNOLOGIA, A PSICOPOLÍTICA E AS TÉCNICAS DE CONTROLE NO REGIME NEOLIBERAL**

As tecnologias digitais de informação e comunicação demarcaram mudanças contemporâneas acentuadas na chegada do século XXI e se tornaram ferramentas onipresentes, indispensáveis e intimamente incorporadas no cotidiano das pessoas e da vida moderna. Possibilitou novas formas de aplicação, interação e sociabilidade, além das conseqüências de sua utilização. Além disso, ela também trouxe consigo um aumento exponencial da velocidade e da quantidade de informações, cuja absorção e processamento do conhecimento passam a ser valorizados a nível de ‘quem não o faz, fica para trás’, torna-se antiquado ou mesmo estranho às pessoas ao seu redor.

Como foi amplamente demonstrado, o regime disciplinar de Foucault domina pelo isolamento, sendo este a primeira condição da submissão. Mas esse isolamento não pode mais ser transposto ao neoliberalismo, pois exploram justamente a informação que circula por meio da comunicação incessante. O que se vê no neoliberalismo e suas formas de controle é uma vigilância sem vigilância. A vigilância aqui ocorre por meio dos dados e do avanço frenético da tecnologia que amplifica cada vez mais esses dados, quantitativa e qualitativamente. No panóptico disciplinar não há comunicação e, portanto, não há produção de dados e rastros. Sendo assim, o sujeito submisso do regime da informação não deve sentir-se dócil e obediente, mas sim livre, para que se comunique e o exponha o que é de sua pessoa, pensamentos, aptidões, anseios e opiniões.

Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano, é um estudioso assíduo do neoliberalismo e das suas novas formas de poder. Denominou essa forma de controle de regime de informação, que é exatamente essa dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos e inteligência artificial se mostram capazes de decidir processos e questões sociais, econômicas e políticas. Ao contrário do regime disciplinar, não são os corpos e seus esforços que são explorados, mas as informações e dados que esses corpos produzem. O ganho de poder não é determinado pela posse dos meios de produção, mas sim, pelo acesso aos dados e a utilização destes para vigilância, controle e previsões de comportamentos sociopolíticos das pessoas e dos atores internacionais (Han, 2022, p. 8).

É um sistema muito eficiente e inteligente na exploração da própria liberdade, pois tudo que pertence às práticas e às formas de expressão da liberdade, em quaisquer níveis, seja pela emoção, conexão ou pela comunicação, é explorado. O neoliberalismo que se funda na informação, torna desnecessárias e obsoletas as técnicas disciplinares anteriormente utilizadas pelo liberalismo, como a isolamento espacial das pessoas, a regulamentação rigorosa do trabalho ou o adestramento corporal pelo biopoder. Isso acontece pois cada clique que é dado nas redes sociais, assim como cada termo que se pesquisa ficam salvos, é registrado e observado. Digitaliza-se a vida, pois ela é inteiramente reproduzida na rede digital e essa vida digitalizada proporciona uma representação muito mais exata do caráter, dos hábitos e dos desejos das pessoas do que

a própria imagem que elas possuem de si mesmas, tornando-as prisioneiras e até dependentes “de uma memória total de caráter digital” (Han, 2018b, p. 32).

Hoje uma nova mudança de paradigma se realiza. O panóptico digital não é uma sociedade disciplinar biopolítica, mas sim uma sociedade da transparência psicopolítica. E, no lugar do biopoder, entra o psicopoder. A psicopolítica está em posição para, com ajuda da vigilância digital, ler e controlar pensamentos. A vigilância digital toma o lugar da ótica inconfiável, ineficiente e perspectivista do Big Brother. Ela é eficiente porque é aperspectivista. A biopolítica não permite nenhum acesso sutil à *psyche* de pessoas. O psicopoder, em contrapartida, está em condições de intervir nos processos psicológicos (Han, 2018a, p. 130).

A própria liberdade provoca coerções no neoliberalismo. E essa liberdade de *poder* pode produzir ainda mais coações do que o poder de *dever*, quando devidamente induzida. Como bem pontua Han nesse sentido “[...] O dever tem limite; o poder não. O sujeito do desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo: é um servo absoluto, na medida em que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo” (2018b, p. 31). O poder se molda em novas perspectivas e intentos.

Ele não se limita mais a quebrar a resistência e instigar a obediência e não precisa mais necessariamente assumir alguma forma de coerção. Inclusive, este poder se presume coerção, através, por exemplo, da violência, não é mais visto como um poder máximo, pois surgindo uma vontade contrária, uma resistência que se opõe àquele que detém o poder, já é por si só uma fraqueza do poder. Hoje, o poder age silenciosamente e de forma permissiva e por isso é maior e mais eficaz. Como bem pontua Han, “a técnica de poder do regime neoliberal assume uma forma sutil, flexível e inteligente, escapando a qualquer visibilidade. O sujeito submisso não é nunca consciente de sua submissão” (2018b, p. 25 e 26).

Hoje, acreditamos que não somos sujeitos submissos, mas projetos livres, que se esboçam e se reinventam incessantemente. (...) O eu como projeto, que acreditava ter se libertado das coerções externas e das restrições impostas por outros, submete-se agora a coações internas, na forma de obrigações de desempenho e otimização (Han, 2018b, p. 9).

Bernard Stiegler também defende que o conceito foucaultiano de biopoder já não é apropriado à atualidade. De acordo com Stiegler, no lugar do biopoder entrariam as *psicotecnologias do psicopoder*, como a *indústria telecrática*, que, por meio da televisão, por exemplo, coloca a todos sob um consumismo impulsivo e conduzindo a uma regressão da massa (Stiegler, 2009). O regime disciplinar se organiza como corpo, em um regime biopolítico. Por sua vez, o regime neoliberal se comportaria como *alma*, segundo Byung-Chul (2018b, p. 30): “Desse modo, a psicopolítica é sua forma de governo. [...] A motivação, o projeto, a competição, a otimização e a iniciativa são inerentes à técnica psicopolítica”.

Nessa sociedade da informação, o regime disciplinar e seus locais de incorporação se desfazem em redes abertas, onde a transparência é a *coação sistêmica do regime da informação*. A liberdade e comunicação ilimitadas possibilitam o monitoramento e controle totais e essas mídias sociais se assemelham ao panóptico, mas agora de forma digital. O panóptico disciplinar dá lugar ao panóptico digital, que se mostra muito mais eficiente do que o anterior na exploração do meio social. Mais eficiente, pois os internos deste novo panóptico se observam e se exploram voluntariamente, por vontade própria, cooperando para o correto funcionamento e estruturação do panóptico, fazendo uso extensivo de sua liberdade, que na verdade não é tão libertária assim. A auto revelação e a autoexposição voluntárias possibilitam a entrega de dados aos detentores deles. Ou seja, a entrega dessas informações que se transmutam em dados não acontece por coação de outrem sobre as pessoas, mas sim, de uma necessidade interna das próprias pessoas (Han, 2018b, p. 14).

Nos modos neoliberais de produção imaterial, mais informação e comunicação significam mais produtividade, aceleração e crescimento. Uma vez que se comunica incessantemente por se perceber livre, o sujeito neoliberal é empreendedor de si mesmo e por isso é fiel ao sistema que lhe permite ser assim. E como é imaterial e se configura em rede, a vigilância digital está além de qualquer perspectiva e contexto. Ela é livre de qualquer limitação e pode agir a partir de qualquer ângulo e em qualquer esfera da sociedade e do próprio ser humano, indo até a sua psique. Se não possui limitações, não possui também pontos cegos (Han, 2018b, p. 82).

No panóptico digital, ninguém se sente vigiado ou ameaçado, como é no panóptico disciplinar de Bentham, nem se sente silenciado de alguma forma. As pessoas se sentem livres e esse poder se plasma à psique das pessoas, sem discipliná-la, proibi-la de algo ou mesmo submetê-la a alguma coisa. Passa uma falsa sensação de liberdade e as instiga a compartilharem cada vez mais. Por isso o termo *Estado de vigilância* não é apropriado para caracterizá-lo (Han, 2018b, p. 27 e 61). Por ser como é, a psicopolítica digital se mostra capaz de intervir nos processos psíquicos e isso significa o fim da liberdade. É um processo paradoxo à primeira percepção, mas profundo quando analisada sua real influência.

A preocupação do poder não é mais superar resistências, e sim, otimizar os processos psíquicos e mentais para o aumento da produtividade, por meio de uma avaliação dos pensamentos conscientes e também os inconscientes. Dessa forma, as pessoas não têm noção de que, pela auto-organização e otimização pessoais internas, estão sendo controladas. E o poder, nesse cenário, não precisa superar ou abater nenhuma resistência por parte delas. Se sentem que são livres, que podem qualquer coisa e que estão melhorando, mesmo que seja uma falácia, não precisam resistir. Quem fracassa, tende a achar que é apenas de sua responsabilidade e por isso, também não resiste. Aí reside a inteligência característica do regime neoliberal.

A psicopolítica neoliberal inventa formas de exploração cada vez mais refinadas. Inúmeros workshops de gestão pessoal, fins de semana motivacionais, seminários de desenvolvimento pessoal e treinamentos de inteligência emocional prometem a otimização pessoal e o aumento da eficiência sem limites. As pessoas são controladas pela técnica de dominação neoliberal que visa explorar não apenas a jornada de trabalho, mas a pessoa por completo, a atenção total, e até a própria vida. [...] Bloqueios, debilidades e erros devem ser removidos terapêuticamente para melhorar a eficiência e desempenho. [...] Nenhuma preocupação com a boa vida impulsiona a otimização pessoal. Sua necessidade resulta apenas de coerções sistêmicas a partir da lógica do sucesso mercantil quantificável (Han, 2018b, p. 47).

A era da psicopolítica digital avança da vigilância passiva ao controle ativo. Os *big data* são um instrumento psicopolítico muito eficiente, como uma lupa digital, que permitem alcançar um conhecimento amplo e abrangente sobre as dinâmicas da

comunicação social, dos contextos e identidades, explorando consciente e inconsciente. Eles tornam possíveis prognósticos sobre o comportamento humano, anunciando o fim do livre-arbítrio (Han, 2018b, p. 23). Esse conhecimento de dominação, como já foi citado, permite intervir a própria psique e influenciá-las em um nível pré-reflexivo.

#### **4 O CONSUMISMO, A MODULAÇÃO E O PARADOXO DA LIBERDADE: AS FACETAS DO PSICOPODER**

Hoje, as redes sociais não são apenas ferramentas relacionadas com o que as pessoas fazem, mas também são parte integrante do contexto que se inserem, às pessoas que se relacionam e de que forma fazem isso. Por meio do uso das redes sociais, as pessoas satisfazem sua necessidade de pertencimento, socialização, entretenimento e também a própria formação de sua identidade, individual e coletiva.

Muito disso é positivo, mas essa necessidade de estar inserido em redes sociais, publicando e compartilhando o tempo todo, seja por receio de não estar sentindo ou perder o sentimento de pertencimento ou por estar perdendo experiências e informações compartilhadas, pode desencadear ansiedade e comportamentos caracterizados pela verificação compulsiva do *smartphone* e engajamento exacerbado nas redes sociais.

Em meados de fevereiro de 2020, o chefe da Organização Mundial da Saúde, Tedros Adhanom Ghebreyesus, comentou “não combatemos somente a pandemia; combatemos a infodemia”, provando que a proliferação e propagação viral de informações já se mostra como uma preocupação voltada para a saúde das pessoas, uma vez que a infodemia, tenta incessantemente deixar as pessoas dependentes de tecnologia e tudo que vem com ela. Muitos estudos apontam um crescente número de pessoas com modificações de humor, intolerância, distúrbios comportamentais e até vício em substâncias, por conta do uso excessivo de redes sociais (Kuss e Griffiths, 2017).

Muito dessa dependência pode ser explicada pelo conceito de Fear of Missing Out (FoMO). Como o próprio nome já diz, é o “medo de ficar de fora” e embora não seja um conceito limitado às mídias sociais, indivíduos com elevados níveis de FoMO podem se sentir compelidos a checar frequentemente suas redes sociais, podendo desencadear

impactos negativos em sua saúde mental e física, ansiedade excessiva, distúrbios de imagem, comparações excessivas e até insatisfação com a própria vida (Przybylski, et al., 2013).

A violência viral, que continua seguindo o esquema imunológico de interior e exterior ou de próprio e outro, e pressupõe uma singularidade ou alteridade hostil ao sistema, não está mais em condições de descrever enfermidades neuronais como depressão, TDAH ou SB [...] Tanto a depressão quanto o TDAH ou a SB apontam para um excesso de positividade [...] A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade do desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos de obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmo [...] A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados [...] O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão de desempenho [...] O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal (Han, 2017, p.20-30).

A transparência é então reivindicada em nome da liberdade de informação e ambas, transparência a informação sustentam o novo objetivo do poder, que deixa de se preocupar com o passado, mas foca no controle psicopolítico do futuro” (Han, 2018b, p. 60). E é nesse cenário que o “[...] o Estado de vigilância de Orwell se diferencia fundamentalmente do panóptico digital, que faz uso excessivo da liberdade. É a multiplicação das palavras a principal característica da sociedade da informação atual” (Han, 2018b, p. 59).

Além disso, o neoliberalismo também transforma o cidadão em consumidor e sua liberdade ativa cede diante do consumo passivo. Na atuação política do cidadão como eleitor, uma vez que é consumidor, ele não possui interesse real na política e em facetas importantes que a compõem, como a democracia. Para Han, esse eleitor consumidor “não está disposto a um comum agir político, tampouco é capaz para tal. O eleitor *apenas reage de forma passiva* à política, criticando, reclamando, exatamente como faz o consumidor diante de um produto ou de um serviço que não gosta. Os políticos e os partidos seguem

a mesma lógica do consumo. Eles têm que *fornecer*. Com isso, degradam-se a fornecedores, que têm que satisfazer os eleitores como consumidores ou clientes. A *transparência* que hoje se exige dos políticos é tudo menos uma demanda *política*. (...) Povoada por espectadores e consumidores, a sociedade da transparência funda uma *democracia de espectadores*” e isso é muito preocupante por razões óbvias (Han, 2018b, p. 90).

As decisões e opiniões políticas dos eleitores também sofrem influências no regime da informação. O *micro-targeting* é um método de direcionamento de informação. Ele é utilizado para abordar os eleitores com mensagens direcionadas e personalizadas nas redes sociais, e assim, influenciá-los. Essa prática de poder é exemplo de muitas técnicas psicopolíticas movidas pelos dados e amplamente utilizadas na atualidade. Prática essa amplificada pela utilização de algoritmos inteligentes e *big data*. Esses mesmos algoritmos também permitem realizar prognósticos sobre o comportamento eleitoral de determinado grupo de pessoas e otimizar o discurso (Han, 2018b, p. 91).

A crise do debate público também é uma preocupação. Hoje, as informações possuem um espaço de tempo muito estreito de atualidade. Captam apenas uma parcela e quando se vê, já captam outra. Circulam incessantemente e de forma muito rápida. Niklas Luhmann diz que para essas informações falta estabilidade temporal, pois se fundam no estímulo da surpresa (Luhmann, 2010). E o debate público, por possuir uma certa temporalidade, não coincide com a comunicação acelerada. O debate público é algo que demanda tempo e as decisões racionais são construídas a longo prazo, precisam ser refletidas, revividas, por vezes, desconstruídas e reconstruídas. A ação racional é muito difícil de ocorrer no interior desse emaranhado de informações e o debate público, junto com a democracia, sofrem as consequências. O afeto e o sentimento que uma informação instiga são mais importantes que o fundamento e a verdade.

Em uma comunicação afetiva, não prevalecem os melhores argumentos, mas as informações com maior potencial de estimular. Desse modo, fake news, notícias falsas, geram mais atenção do que fatos. Um único tuíte que contenha fake news ou fragmentos de informações descontextualizadas é possivelmente mais efetivo do que um argumento fundamentado (Han, 2022, p. 37).

Habermas considera as mídias de massa as responsáveis pelo declínio da esfera pública democrática. Segundo ele, “colocam o público, na condição de ouvintes e assistentes, em estado de encanto, tomam-lhe, contudo, igualmente a distância da ‘emancipação’, a saber, a chance de poder falar e contradizer”. (Habermas, 2003, p. 261) No mesmo sentido, Han diz que, anteriormente, a esfera pública era constituída por uma cultura de livros, que se consolidou no início da democracia, cultura essa que pressupunha discurso e pensamento. Com a consolidação dessa *mediocracia*, como ele próprio denomina, as pessoas ficam condenados à passividade, pois aquela é estruturada como um anfiteatro (Han, 2022, p. 27) que traz o entretenimento como base para notícias, reportagens e até posicionamentos (Habermas, 2003, p. 260). Sendo assim, “no lugar de empenhar-se por conhecimento e percepção, surge o negócio da diversão. A consequência disso é uma decadência rápida da faculdade de juízo humana. Introduce-se nela uma ameaça inequívoca: tornar-nos imaturos ou permanecermos na imaturidade. E o fundamento social da democracia é violado”, como bem pontua Neil Postman, em seu texto *Divertir-se até morrer* (1988, p. 68).

*Admirável mundo novo*, de Huxley (2014), está em muitos aspectos mais próximo da atualidade do que o Estado de vigilância de Orwell (2009). A distopia de Huxley compõe um mundo paliativo, em que a dor é tabu e deve ser reprimida, assim como qualquer sensação intensa. Cada desejo é imediatamente satisfeito e as pessoas se veem constantemente dopadas de consumo e divertimento. Com as redes sociais, as pessoas estão sempre embriagadas de satisfação, com vídeos curtos do TikTok ou mesmo curtidas em suas fotos. E buscam sempre mais e mais.

Como já foi citado, toda vez que se usa as redes, smartphones e notebooks, pegadas digitais são deixadas e os algoritmos captam todas essas pegadas, podendo também guiar e traçar caminhos. O termo para isso é *modulação*. “Modular comportamentos e opiniões é conduzi-los conforme os caminhos oferecidos pelos dispositivos algorítmicos que gerenciam os interesses de influenciadores e influenciados” (Souza; Avelino; Silveira, 2018, p. 9). A modulação é diferente da manipulação, pois ele não tem foco em enganar, mas sim, assumir processos intelectuais, direcionando e

automatizando o pensamento a tal ponto que o cérebro se torna obsoleto (Foer, 2018, p. 64-65), enquanto o conto de fada tecnoutópico<sup>3</sup> venda os olhos e tudo aparenta ser ótimo e bom.

Passando a sensação de liberdade com o conforto de ver problemas cotidianos sendo facilmente resolvidos pela tecnologia, a modulação é mais vantajosa que a restrição, pois “a modulação opera pelo encurtamento do mundo” (Souza; Avelino & Silveira, 2018, p. 38). “O usuário tem a ilusão de que escolhe o que lê, visualiza, curte, comenta e compartilha, mas isso é uma falsa liberdade” (Souza; Avelino & Silveira, 2018, p. 93). “Para modular é necessário reduzir o campo de visão dos indivíduos que serão modulados (...) A modulação encurta a realidade e a multiplicidade de discursos e serve assim ao marketing” (Souza; Avelino & Silveira, 2018, p. 38). Importante frisar que o que é ofertado é apenas o que está dentro de uma bolha, criada, também, pelo próprio algoritmo.

[...] a nova geração dos filtros de internet olha para o que você parece gostar - como você era ativo na rede ou quais coisas ou pessoas você curtiu - e extrai conclusões em conformidade a isso. Máquinas geram prognósticos que projetam e refinam ininterruptamente uma teoria sobre sua personalidade e que preveem o que você quer e fará a seguir. Juntas, essas máquinas produzem um universo de informação completamente próprio para cada um de nós - aquilo que chamo de *filter bubble*, filtros-bolhas -e alteram, assim, fundamentalmente como chegamos a informações e ideias (Pariser, 2012, p. 7).

As plataformas digitais arquitetam-se em um modelo de negócio que basicamente gira em torno daquilo que se intitula como economia da atenção: um sistema dotado de técnicas algorítmicas e truques do neuromarketing, todos desenvolvidos com o objetivo fazer com que os usuários se mantenham conectados o maior tempo possível. Afinal, a hiperconectividade, além de fazer com que os usuários fiquem mais suscetíveis às informações que lhes são apresentadas, os estimula a deixar mais traços digitais, ou melhor, mais dados para serem coletados. Dados estes que posteriormente acabam sendo

---

<sup>3</sup> Essa expressão refere-se aos “contos de fadas inventados pelo complexo industrial-divulgador do Vale do Silício”, no sentido de que as empresas de tecnologia seriam capazes de resolver qualquer problema, e que as inovações são sempre puramente positivas. Em nenhum momento, se questionam as “minúcias econômicas e geopolíticas” que circundam o funcionamento dessas *big techs*, além dos impactos negativos das plataformas digitais (Morozov, 2018).

utilizados para modulação dos seus próprios comportamentos (Lanier, 2018, p. 15). Como bem pontua Han também nesse sentido, esse capitalismo baseado no consumo “introduz emoções para criar necessidades e estimular a compra. Hoje, em última análise, não consumimos coisas, mas emoções” (Han, 2018b, p. 70).

A psicopolítica, indubitavelmente, é o método mais eficiente de controle conhecido até então. Mais eficiente do que foi o biopoder para o liberalismo. O século XXI e a expansão e disseminação das tecnologias digitais, propiciou o que nenhum mecanismo de poder conseguiu até então: aprisionar, controlar e ditar as regras do jogo enquanto os jogadores pensam ser livres. Consomem, pois, pensam que querem; ou nem pensam. Se auto exploram e colocam-se no limiar na busca sem sentido por uma perfeição inexistente. Tudo isso, enquanto outros ditam as regras do jogo. Em um mundo que se guia pela rápida disseminação de informações, em ritmo frenético, quase impossível de acompanhar, a psicopolítica dita o processo e o caminho.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é fácil analisar as transformações causadas pela expansão e disseminação das tecnologias digitais. Elas estão acontecendo, neste exato momento e, embora as consequências já se mostrem duradouras, o processo está alcançando patamares não antes vistos sem mesmo ter desvelado todas as suas potencialidades. As intencionalidades, por outro lado, têm vindo à tona, são preocupantes e merecem ser discutidas e esse é o intuito central deste trabalho. O biopoder atuou diretamente no corpo do ser humano e em suas características mais essenciais e ainda é o método de poder utilizado, a depender do que se quer controlar, mas a atuação do psicopoder é sem precedentes.

Não há nada no mundo, atualmente, que não seja informação. O mundo está agora interconectado por uma teia densa e flexível de algoritmos, os quais são capazes de reunir e sistematizar opiniões e emoções em poucos segundos. E as indústrias, sejam elas tecnológicas, neurocientíficas ou até farmacêuticas, utilizam-se dessa premissa de que o ser humano pode ser otimizado, seu desempenho maximizado e o ser humano internaliza essa premissa e age por si só, movimentando essas indústrias, que lucram e controlam,

em um *looping* infinito. Por si só, a cognição absoluta dos sujeitos, imposta de dentro para fora, se exerce despercebida e, portanto, mais eficiente.

Essa nova ordem informacional, esse regime de informação cria o ambiente ideal, como foi bem demonstrado neste trabalho, para o surgimento e perpetuação de tecnologias de grande comoção social e mudanças disruptivas na sociedade que são, ao mesmo tempo, ferramentas políticas. O *big data*, seu grande aliado, capta, processa e instrumentaliza uma quantidade praticamente ilimitada de dados extraídos de todas as pessoas conectadas em rede. Conectadas por vontades que já não são próprias e voluntárias, mas sim constantemente induzidas. As tecnologias são essenciais para o poder psicopolítico e a digitalização da vida torna-o possível, viável, célere e sem limites, possibilitando que dite virtualmente e à distância a vida privada das pessoas, enquanto se faz quase transparente, submetendo-as a um regime de consumo desenfreado e vigilância contínua, estimulando comportamentos e coibindo pela liberdade, o que deveria ser naturalmente paradoxal e impossível, mas que tem se mostrado mais do que palpável.

Cada um é o panóptico de si mesmo nessa sociedade do psicopoder, como bem citou Han, mas a reflexão constante é necessária, assim como o autopolicamento e as mudanças de paradigmas são possíveis, mesmo que a nível individual. Preservar o próprio consciente e inconsciente, nessa sociedade que busca apanhá-los, é essencial. Deve-se estar ciente disso e buscar mecanismos para minimizar e fugir deste monitoramento, sempre que possível, se agarrando às coisas que são, de fato, reais.

## REFERÊNCIAS

CAPPRA, Ricardo. **A geração de profissionais transumanos**. MIT Technology review, 2024. Disponível em <https://mittechreview.com.br/a-geracao-de-profissionais-transumanos/>. Acesso em 17 de junho de 2024.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Tradução Ingrid Muller Xavier. Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/WmMXxFrtfwL5YQN6G9VzmBq/?lang=pt>. Acesso em 17 de junho de 2024.

DEHAAN, Cody; GLADWELL, Valerie; MURAYAMA, Kou; PRZYBYLSKI, Andrew. **Motivational, emotional, and behavioral correlates of fear of missing out.** Computers in Human Behavior, Volume 29, 1841-1848. 2013. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0747563213000800>. Acesso em 17 de junho de 2024.

DELEUZE, Gilles. **Post-scriptum sobre a sociedade do controle.** In: *Conversações, 1972-1990*. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992, pp. 2019-26.

FOER, Franklin. **O mundo que não pensa: a humanidade diante do perigo real da extinção do homo sapiens.** Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber;** tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos, vol. IV. Estratégia, poder-saber.** 2ª ed. Forense Universitária, 2006

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 29. ed. Petrópolis: Vozes, Título Original: Surveiller et punir, 1987

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976).** São Paulo: Martins Fontes, 1999

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia. Digitalização e a crise da democracia.** Tradução de Gabriel S. Philipson. Editora Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **No Enxame: Perspectivas do Digital.** Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018a.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica. O neoliberalismo e as novas técnicas de poder.** Tradução de Maurício Liesen. Editora Âyiné, 2018b.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência.** Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Editora Biblioteca Azul, São Paulo, ed. 2014.

KUSS, Daria; GRIFFITHS, Mark. **Social networking sites and addiction: Ten lessons learned**. International Journal of Environmental Research and Public Health. 2017. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5369147/>. Acesso em 17 de junho de 2024.

LANIER, Jaron. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Tradução de Bruno Casotti. Intrínseca, 2018. Edição Kindle.

LUHMANN, Niklas. **Introdução à teoria de sistemas: aulas publicadas por Javier Torres Nafarrante** (trad. Ana Cristina Arantes Nasser). Petrópolis: Vozes, 2010.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. Trad. Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

ORWELL, George, **1984**. Editora Companhia das Letras, São Paulo, ed. 2009.

PADOVANI, Carolina Rabello. **O paradoxo da falsa liberdade: neurociências, algoritmos e polarização política**. Off Lattes. Disponível em <https://offlattes.com/archives/9778>. Acesso em 17 de junho de 2024.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2012.

POSTMAN, Neil. **Divertir-se até morrer. Formar julgamentos na era da indústria do entretenimento**. Frankfurt am Maia, 1988.

SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **A sociedade de controle**. 1ª ed. São Paulo: Hedra, 2018.

STIEGLER, Bernard. **Von der Biopolitik zur Psychomacht**. Frankfurt: Suhrkamp, 2009, 9. 49.